

O Livro de Daniel - Número cento e sessenta e dois

Tempo Profético de Roma: Revelando a Visão

Jeff Pippenger

2024-03-27

Roma estabelece a visão, e Roma é revelada no seu “tempo”. Esta é uma declaração da Irmã White em que ela afirma o que deve ser entendido como o óbvio:

“O Apocalipse é um livro selado, mas é também um livro aberto. Registra acontecimentos maravilhosos que hão de ocorrer nos últimos dias da história desta Terra. Os ensinamentos deste livro são definidos, não místicos e ininteligíveis. Nele, é retomada a mesma linha de profecia apresentada em Daniel. Algumas profecias Deus repetiu, mostrando assim que se lhes deve atribuir importância. O Senhor não repete coisas que não sejam de grande consequência.”
Manuscript Releases, volume 9, 8.

O “Senhor não repete coisas que não sejam de grande consequência”, e os “tempos” associados a Roma são repetidos vez após vez. É de “grande consequência” compreender o “tempo” associado a Roma, pois é isso que revela Roma como o tema que estabelece a visão. Sete vezes, os mil duzentos e sessenta anos do governo papal são diretamente mencionados em Daniel e Apocalipse.

E ele proferirá grandes palavras contra o Altíssimo, e desgastará os santos do Altíssimo, e tentará mudar tempos e leis: e eles serão entregues em sua mão até um tempo e tempos e a divisão do tempo. Daniel 7:25.

E ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, quando ergueu a mão direita e a mão esquerda ao céu e jurou por aquele que vive para sempre que seria por um tempo, tempos e metade de um tempo; e, quando tiver terminado de dispersar o poder do povo santo, todas essas coisas serão cumpridas. Daniel 12:7.

Mas o átrio que está fora do templo, deixa-o de fora e não o meças; pois foi dado aos gentios; e eles pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses. Apocalipse 11:2.

E darei poder às minhas duas testemunhas, e profetizarão por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco. Apocalipse 11:3.

E a mulher fugiu para o deserto, onde Deus lhe preparou um lugar, para que ali a sustentem por mil duzentos e sessenta dias. Apocalipse 12:6.

E à mulher foram dadas duas asas de uma grande águia, para que voasse para o deserto, para o seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, longe da face da serpente. Apocalipse 12:14.

E foi-lhe dada uma boca que proferia grandes coisas e blasfêmias; e foi-lhe dado poder para continuar por quarenta e dois meses. Apocalipse 13:5.

Essas sete referências diretas apresentam diferentes características proféticas específicas de Roma. É nessas passagens que Roma é revelada. A Irmã White acrescenta que esses períodos também são representados como “três anos e meio ou 1260 dias”. Não se encontram nem “três anos e meio” nem “mil duzentos e sessenta dias” na Bíblia. A Irmã White está simplesmente aplicando o cômputo das sete referências de acordo com isso.

No capítulo 13 (versículos 1-10) é descrita outra besta, “semelhante a um leopardo”, à qual o dragão deu “o seu poder, o seu trono e grande autoridade”. Este símbolo, como a maioria dos protestantes tem crido, representa o papado, que sucedeu ao poder, ao trono e à autoridade outrora detidos pelo antigo Império Romano. Acerca da besta semelhante a um leopardo, declara-se: “Foi-lhe dada uma boca que proferia grandes coisas e blasfêmias... E abriu a boca em blasfêmia contra Deus, para blasfemar do seu nome, do seu tabernáculo e dos que habitam no céu. E foi-lhe concedido fazer guerra aos santos, e vencê-los; e foi-lhe dada autoridade sobre toda tribo, língua e nação.” Esta profecia, quase idêntica à descrição do pequeno chifre de Daniel 7, aponta inequivocamente para o papado.

'Foi-lhe dado poder para continuar quarenta e dois meses.' E, diz o profeta: 'Vi uma de suas cabeças como que ferida de morte.' E ainda: 'Quem leva cativo irá para o cativoiro: quem matar à espada deve ser morto à espada.' Os quarenta e dois meses são o mesmo que o 'tempo, tempos e metade de um tempo', três anos e meio, ou 1260 dias, de Daniel 7 — o período durante o qual o poder papal deveria oprimir o povo de Deus. Esse período, como declarado em capítulos anteriores, começou com a supremacia do papado, no ano 538 d.C., e terminou em 1798. Naquele tempo, o papa foi feito cativo pelo exército francês, o poder papal recebeu sua ferida mortal, e cumpriu-se a predição: 'Quem leva cativo irá para o cativoiro.' O Grande Conflito, 439.

Com a autoridade inspirada para também considerar três anos e meio como o "tempo" que "revela" Roma, outras referências bíblicas a Roma emergem.

Mas em verdade vos digo: muitas viúvas havia em Israel nos dias de Elias, quando o céu se fechou por três anos e seis meses, quando houve grande fome em toda a terra. Lucas 4:25.

Os três anos e meio de Elias relacionam o tempo com Jezabel, que é o símbolo da Roma papal na igreja de Tiatira.

Todavia, tenho algumas coisas contra ti, porque toleras aquela mulher Jezabel, que se diz profetisa, para ensinar e seduzir os meus servos a cometer imoralidade sexual e a comer coisas sacrificadas aos ídolos. E dei-lhe tempo para que se arrependesse da sua imoralidade sexual; e não se arrependeu. Apocalipse 2:20, 21.

O "tempo" dado à quarta igreja, representada por Jezabel, é também um "espaço".

Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós, e orou fervorosamente para que não chovesse; e não choveu sobre a terra durante três anos e seis meses. Tiago 5:17.

Ao comentar que os quarenta e dois meses são o mesmo que os mil duzentos e sessenta dias, a Irmã White identifica o período como "aqueles dias", aos quais Cristo se referiu.

Os períodos aqui mencionados — 'quarenta e dois meses' e 'mil duzentos e sessenta dias' — são os mesmos, representando igualmente o tempo em que a igreja de Cristo haveria de sofrer opressão por parte de Roma. Os 1260 anos da supremacia papal começaram em 538 d.C. e, portanto, terminariam em 1798. Nessa ocasião, um exército francês entrou em Roma e fez o papa prisioneiro, e ele morreu no exílio. Embora logo depois tenha sido eleito um novo papa, a hierarquia papal nunca mais conseguiu exercer o poder que antes possuía.

A perseguição da igreja não continuou ao longo de todo o período dos 1260 anos. Deus, em misericórdia para com Seu povo, abreviou o tempo de sua ardente provação. Ao predizer a 'grande tribulação' que sobreviria à igreja, o Salvador disse: 'Se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos, aqueles dias serão abreviados.' Mateus 24:22. Pela influência da Reforma, a perseguição chegou ao fim antes de 1798. O Grande Conflito, 266.

Cristo e a Irmã White identificam a expressão "aqueles dias" como o "tempo" que identifica Roma papal. Quando Daniel fala da perseguição que se seguiu à elevação do papado ao trono da terra no versículo trinta e um do capítulo onze, ele se refere a esse tempo de perseguição como "muitos dias".

E forças se levantarão de seu lado, e profanarão o santuário da fortaleza, e tirarão o sacrifício diário, e colocarão a abominação desoladora. E aos que agirem perversamente contra a aliança ele corromperá com lisonjas; mas o povo que conhece o seu Deus se fortalecerá e fará proezas. E os que têm entendimento entre o povo instruirão a muitos; contudo, cairão pela espada e pela chama, por cativo e por saque, por muitos dias. Daniel 11:31-33.

Roma é revelada em conexão com o tempo profético que lhe está associado; por isso Paulo diz que o homem do pecado será revelado 'a seu tempo'. O fato de Roma estabelecer a visão, que, se não a conhecemos, perecemos, identifica por que esse tempo profético é representado com tanta frequência e de tantas maneiras, pois Deus 'não repete coisas que não têm grande importância'. Nos versículos anteriores, o fim do período de tempo também é assinalado.

E os que têm entendimento entre o povo instruirão a muitos; contudo cairão pela espada, pela chama, pelo cativo e pelo saque, por muitos dias. E, quando caírem, serão ajudados com pequeno socorro; mas muitos se lhes ajuntarão com lisonjas. E alguns dos entendidos cairão, para os provar, e purificar, e embranquecer, até ao tempo do fim; porque ainda será para o tempo determinado. Daniel 11:33-35.

O "tempo do fim" "ainda está para um tempo determinado." A palavra hebraica para "determinado" é "moed", e significa um tempo fixo ou uma ocasião marcada. A relevância e a importância proféticas do "tempo determinado", no livro de Daniel, são identificadas pela frequência com que ele é mencionado. Pouquíssimos adventistas laodiceanos, se é que algum, reconhecem que 1989 foi um "tempo do fim" e, portanto, 1989 foi um tempo determinado. Foi uma determinação feita por Deus, quando Ele desselaria o conhecimento para o movimento dos cento e quarenta e quatro mil. Por essa razão, o livro de Daniel apresenta testemunhas do fato de que o "tempo determinado" marca a chegada do "tempo do fim". Em Daniel 8, esse símbolo profético é apresentado.

E ouvi a voz de um homem entre as margens do Ulai, que clamou e disse: Gabriel, faze com que este homem entenda a visão. Então ele se aproximou do lugar onde eu estava; e, quando veio, fiquei com medo e caí com o rosto em terra; mas ele me disse: Entende, ó filho do homem, pois a visão se refere ao tempo do fim. Enquanto ele falava comigo, eu estava em profundo sono, com o rosto em terra; mas ele me tocou e me pôs de pé. E disse: Eis que te farei saber o que acontecerá no último tempo da indignação, pois no tempo determinado será o fim. Daniel 8:16-19.

Assim como no capítulo onze, a palavra "fim", em "tempo do fim" nestes versículos, é uma palavra hebraica diferente da que é traduzida como "designado". O tempo do fim representa um período que se inicia no tempo designado. O "tempo designado" (moed) é uma ocasião marcada, e o tempo do fim (a palavra hebraica "gets") é um período de tempo que começa no tempo designado. É o "tempo" que revela Roma, e esse "tempo" é tão importante que o término desse período de tempo, e o período que se segue ao término desse tempo, são representados por várias testemunhas. No versículo vinte e quatro do capítulo onze de Daniel, Roma pagã é identificada como governando o mundo por um "tempo".

Um "tempo" simbólico é de trezentos e sessenta anos, pois há trezentos e sessenta dias em um ano bíblico. A Roma pagã governou por um "tempo", e a Roma papal governou por "um tempo, tempos e metade de um tempo". A Roma moderna governa por uma "hora" simbólica, ou por "quarenta e dois meses" simbólicos. Não há tempo profético após 1844; portanto, a "hora" e os "quarenta e dois meses" são o período desde a iminente lei dominical até o fim da provação humana. Mas a Roma pagã governou de modo supremo desde a Batalha de Ácio, em 31 a.C., até que Constantino transferiu a capital do império para Constantinopla, no ano 330. Sabemos que os versículos seguintes falam da Roma pagã, pois Cristo é representado como o "príncipe da aliança" que "será quebrado" quando foi crucificado. O poder que então governava era a Roma pagã; portanto, os versículos que agora vamos considerar identificam a Roma pagã.

E em seu lugar se levantará uma pessoa vil, à qual não darão a honra do reino; mas virá pacificamente e obterá o reino por lisonjas. E com as forças de uma inundação serão varridos de diante dele e serão quebrantados; sim, até o príncipe da aliança. E, depois da aliança feita com ele, procederá enganosamente; porque subirá e se fortalecerá com pouca gente. Entrará pacificamente até os lugares mais férteis da província; e fará o que seus pais não fizeram, nem os pais de seus pais; espalhará entre eles a presa, o despojo e as riquezas; sim, e tentará seus desígnios contra as fortalezas, por algum tempo. Daniel 11:21-24.

A palavra "against" na última frase dos versos na verdade significa "de", e o verso está dizendo que Roma pagã reinará (prever os seus desígnios) "de" sua fortaleza (a Cidade de Roma) por trezentos e sessenta anos.

'VERSÍCULO 24. Ele entrará pacificamente até mesmo nos lugares mais férteis da província: e fará o que seus pais não fizeram, nem os pais de seus pais; distribuirá entre eles a presa, o despojo e as riquezas: sim, e tramará seus desígnios contra as fortalezas, por um tempo.'

A maneira usual pela qual as nações, antes dos tempos de Roma, se apoderavam de províncias valiosas e de territórios ricos era pela guerra e pela conquista. Roma estava agora prestes a fazer o que não fora feito pelos pais nem pelos avós; isto é, receber essas aquisições por meios pacíficos. Inaugurava-se então o costume, até então desconhecido, de reis legarem por testamento seus reinos aos romanos. Roma entrou na posse de grandes províncias dessa maneira.

E aqueles que assim vieram a ficar sob o domínio de Roma daí tiraram não pequena vantagem. Foram tratados com bondade e clemência. Era como se a presa e o despojo fossem distribuídos entre eles. Foram protegidos de seus inimigos e repousaram em paz e segurança sob a égide do poder romano.

Quanto à parte final deste versículo, o Bispo Newton apresenta a ideia de premeditar estratégias a partir das fortalezas, em vez de contra elas. Foi isso que os romanos fizeram a partir da poderosa fortaleza de sua cidade das sete colinas. 'Mesmo por um tempo'; sem dúvida um tempo profético, 360 anos. A partir de que ponto esses anos devem ser contados? Provavelmente a partir do evento apresentado no versículo seguinte.

'VERSÍCULO 25. E ele despertará a sua força e a sua coragem contra o rei do sul com um grande exército; e o rei do sul será incitado à batalha com um exército muito grande e poderoso; mas não subsistirá: pois maquirarão estratégias contra ele.'

“Pelos versículos 23 e 24 somos trazidos para alguém da aliança entre os judeus e os romanos, em 161 a.C., ao tempo em que Roma havia adquirido domínio universal. O versículo que agora temos diante de nós traz à vista uma vigorosa campanha contra o rei do sul, o Egito, e a ocorrência de uma batalha notável entre exércitos grandes e poderosos. Tais acontecimentos como esses se deram na história de Roma por esse tempo?—Deram-se. A guerra foi a guerra entre o Egito e Roma; e a batalha foi a batalha de Áccio. Lancemos um breve olhar sobre as circunstâncias que conduziram a esse conflito.” Uriah Smith, Daniel e o Apocalipse, 271–273.

Nos versículos seguintes, Daniel volta a mencionar o tempo determinado e o fim.

E ele despertará o seu poder e a sua coragem contra o rei do sul, com um grande exército; e o rei do sul se levantará para a batalha com um exército muito grande e poderoso; mas não subsistirá, pois maquirarão ardis contra ele. Sim, os que se alimentam da sua mesa o destruirão, e o seu exército transbordará; e muitos cairão mortos. E o coração destes dois reis estará inclinado a praticar maldade, e falarão mentiras à mesma mesa; mas isso não prosperará, porque o fim ainda será no tempo determinado. Então ele voltará à sua terra com grandes riquezas; e o seu coração será contra a santa aliança; e fará proezas, e voltará à sua própria terra. No tempo determinado ele tornará e virá para o sul; mas não será como da primeira vez, nem como da última. Daniel 11:25-29.

No capítulo oito, Gabriel identificou que o "chazon", visão dos dois mil quinhentos e vinte anos, se concluiria no tempo determinado, e então começaria o período representado por "o tempo do fim". Nesta passagem, o tempo determinado é o fim dos trezentos e sessenta anos durante os quais a Roma pagã governaria o mundo de forma suprema. Nesta passagem não há "tempo do fim", pois não havia nada selado que devesse ser deslacrado no final daquele período da história.

No capítulo oito de Daniel, a visão do “fim último” da indignação, que eram os dois mil quinhentos e vinte anos que se concluíam ao mesmo tempo que os dois mil e trezentos anos, foi selada até ao “tempo do fim”, pois em 1844, que era o tempo determinado de ambas as visões, a luz do terceiro anjo foi desselada. Em Daniel onze, versículos trinta a trinta e seis, no fim da “primeira indignação” em 1798, haveria de existir um período representado como o “tempo do fim”, quando a luz do primeiro anjo foi desselada. Portanto, a profecia de tempo da Roma pagã não tinha um tempo do fim, mas somente um tempo determinado, identificando quando se concluíam os trezentos e sessenta anos; porém o tempo determinado em 1798, e o tempo determinado em 1844, ambos desselaram uma mensagem que devia ser compreendida no período representado como o “tempo do fim”.

Roma é revelada como é representada profeticamente dentro de seu tempo profético. “Tempo, tempos e metade de um tempo”, “quarenta e dois meses”, “mil duzentos e sessenta dias” e “três anos e meio” são alguns dos vários símbolos que representam o período em que o papado governou durante a Idade das Trevas. O período de tempo que liga o movimento dos mileritas ao movimento dos cento e quarenta e quatro mil é de cento e vinte e seis anos. Cento e vinte e seis também é um símbolo de mil duzentos e sessenta dias, pois é um dízimo, ou um décimo, desse montante. Os cento e vinte e seis anos desde a rebelião de 1863 até o tempo determinado em 1989 identificam 1989 como o compromisso de Deus com o Seu povo dos últimos dias.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

Como devemos examinar as Escrituras? Devemos fincar nossas estacas de doutrina, uma após outra, e então tentar fazer com que toda a Escritura se ajuste às nossas opiniões estabelecidas, ou devemos levar nossas ideias e pontos de vista às Escrituras e medir nossas teorias, por todos os lados, pelas Escrituras da verdade? Muitos que leem e até ensinam a Bíblia não compreendem a preciosa verdade que estão ensinando ou estudando. As pessoas abrigam erros, quando a verdade está claramente delineada, e, se ao menos levassem suas doutrinas à palavra de Deus, e não lessem a palavra de Deus à luz de suas doutrinas, para provar que suas ideias estão certas, não andariam em trevas e cegueira, nem acalentariam o erro. Muitos dão às palavras da Escritura um sentido que se ajusta às suas próprias opiniões, e enganam a si mesmos e a outros por suas interpretações equivocadas da palavra de Deus. Ao emprendermos o estudo da palavra de Deus, devemos fazê-lo com corações humildes. Todo egoísmo, todo amor à originalidade, devem ser postos de lado. Opiniões há muito acalentadas não devem ser consideradas infalíveis. Foi a relutância dos judeus em abrir mão de suas tradições há muito estabelecidas que resultou em sua ruína. Estavam determinados a não ver qualquer falha em suas próprias opiniões ou em suas exposições das Escrituras; mas, por mais tempo que os homens tenham acalentado certas ideias, se não são claramente sustentadas pela palavra escrita, devem ser descartadas.

Aqueles que sinceramente desejam a verdade não hesitarão em expor suas posições à investigação e à crítica, e não se aborrecerão se suas opiniões e ideias forem contrariadas. Isto era o espírito cultivado entre nós há quarenta anos. Nós nos reuníamos com a alma sobrecarregada, orando para que fôssemos um na fé e na doutrina; pois sabíamos que Cristo não está dividido. Um ponto de cada vez era tomado como tema de investigação. A solenidade

caracterizava essas reuniões de investigação. As Escrituras eram abertas com um senso de reverência. Muitas vezes jejuávamos, para que estivéssemos melhor preparados para compreender a verdade. Depois de oração fervorosa, se algum ponto não era compreendido, era discutido, e cada um expressava livremente sua opinião; então nos ajoelhávamos novamente em oração, e súplicas fervorosas subiam ao céu para que Deus nos ajudasse a ver da mesma maneira, para que fôssemos um, como Cristo e o Pai são um. Muitas lágrimas foram derramadas. Se um irmão repreendia outro por sua lentidão de compreensão ao não entender uma passagem como ele a entendia, o repreendido depois tomava o irmão pela mão e dizia: 'Não entristecemos o Espírito Santo de Deus. Jesus está conosco; mantenhamos um espírito humilde e ensinável;' e o irmão interpelado dizia: 'Perdoe-me, irmão, cometi uma injustiça contra você.' Então nos ajoelhávamos em mais um período de oração. Passávamos muitas horas dessa maneira. Em geral, não estudávamos juntos por mais de quatro horas de cada vez; ainda assim, às vezes a noite inteira era dedicada a uma solene investigação das Escrituras, para que pudéssemos compreender a verdade para o nosso tempo. Em algumas ocasiões, o Espírito de Deus vinha sobre mim, e trechos difíceis eram esclarecidos pelo modo designado por Deus, e então havia perfeita harmonia. Éramos todos de um só pensamento e de um só espírito.

Esforçamo-nos com o máximo empenho para que as Escrituras não fossem deturpadas para se ajustarem às opiniões de qualquer homem. Procuramos tornar nossas diferenças tão pequenas quanto possível, não nos detendo em pontos de menor importância, sobre os quais havia opiniões divergentes. Mas o anseio de cada alma era promover entre os irmãos uma condição que respondesse à oração de Cristo de que seus discípulos fossem um, assim como ele e o Pai são um. Às vezes, um ou dois dos irmãos teimosamente se colocavam contra o ponto de vista apresentado e davam vazão aos sentimentos naturais do coração; mas, quando tal disposição surgia, suspendíamos nossas investigações e encerrávamos a reunião, para que cada um tivesse oportunidade de ir a Deus em oração e, sem conversar com outros, estudar o ponto de divergência, pedindo luz do céu. Com expressões de cordialidade, nos despedíamos, para nos reunirmos novamente o quanto antes para prosseguir na investigação. Por vezes, o poder de Deus vinha sobre nós de maneira notável e, quando uma luz clara revelava os pontos da verdade, chorávamos e nos alegrávamos juntos. Amávamos a Jesus; amávamos uns aos outros.

Naqueles dias Deus operou em nosso favor, e a verdade era preciosa às nossas almas. É necessário que a nossa unidade hoje seja de tal caráter que suporte o teste da provação. Estamos aqui na escola do Mestre, para que sejamos preparados para a escola do alto. Devemos aprender a suportar a decepção à semelhança de Cristo, e a lição ensinada por isso será de grande importância para nós.

"Temos muitas lições a aprender, e muitas, muitas a desaprender. Só Deus e o céu são infalíveis. Os que pensam que nunca terão de abrir mão de um ponto de vista muito prezado, que nunca terão ocasião de mudar de opinião, ficarão desapontados. Enquanto nos apegarmos às nossas próprias ideias e opiniões com determinada persistência, não poderemos ter a unidade pela qual Cristo orou." Review and Herald, 26 de julho de 1892.